

Notícias de uma festa popular

Dezembro de 1960: milhares de pessoas saíram às ruas para ver Juscelino Kubitschek sancionar a lei que criou a UFG. Um pouco do clima da época ficou registrado nos jornais

Patrícia da Veiga

Em dez de dezembro de 1960 o jornal *Diário do Oeste* anunciou “Goiás ganhou a sua universidade federal”. Um dia antes, a mesma publicação dizia que “só por um milagre” a federalização das Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, Farmácia e Odontologia, além do Conservatório de Música, sairia ainda naquele ano. Primeiro, porque o senador Afonso Arinos (da União Democrática Nacional-UDN) fazia campanha contra a aprovação do projeto de Lei nº 3.834-C, que criava a Universidade Federal de Goiás (e já havia sido aprovado na Câmara Federal no dia sete). Segundo, porque os parlamentares estavam às vésperas de um recesso natalino. Contudo, o jornal corrigiu a previsão com um anúncio do deputado federal goiano Gerson de Castro Costa (Partido Social Democrático-PSD), autor de tal proposta de lei: “Vitória do estudantado goiano”, dizia ele.

O “estudantado”, usando um termo da época, há muito se empenhara na criação da UFG. Na década de 1950, esse objetivo foi fortalecido em congressos realizados por entidades como a

União Nacional dos Estudantes (UNE), a União Estadual dos Estudantes (UEE) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) dos cursos superiores já existentes em Goiás. Muitos dos professores da época eram contra, mas, em 1959, foi criada a Frente Universitária Pró-Ensino Federal, que desencadeou uma série de lutas até a proposição da Lei nº 3.834-C em âmbito federal (veja detalhes na edição nº 2, de novembro de 2008, da Revista UFG Afirmativa, em www.ufg.br).

Em 1960, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Goiás tinha pouco mais de 1,6 milhão de habitantes, com cerca de dois terços desse contingente vivendo no campo. Goiânia era uma jovem cidade de 27 anos, com 151 mil moradores, que alimentava uma série de sonhos. Entre eles, o da prosperidade na perspectiva do “moderno”. Aliás, a campanha da modernização era um projeto nacional, conforme narra o jornalista Hélio Rocha, no livro *Os inquilinos da casa verde*, sobre os anos de 1959 e 1960: “Vive-se a euforia da industrialização, do rodoviário, da construção de Brasília e das metas do Governo Juscelino Kubitschek. Circulam os primeiros automóveis fabricados no Brasil”.

Os goianienses identificavam-se com a nova capital do país, inaugurada em 21 de abril daquele ano, e com as promessas do que a empreitada da construção de Brasília poderia representar para Goiás. O “futuro”, pensavam, estava nas capitais e o fato de haver uma nova frente de expansão (a exemplo da marcha getulista da década de 1930) para o oeste entusias-

mava os progressistas. Isso se refletiu, de certa forma, no modo como a UFG foi projetada pelos estudantes que a encamparam. “Cada um segue a mocidade de seu tempo”, resume o professor aposentado da Escola de Engenharia, Orlando Ferreira de Castro. A lei que criou a UFG, assim, simbolizou parte do triunfo dessa mocidade que vislumbra a modernização de Goiás.

Foi então que os deputados Gerson de Castro Costa e Alfredo Nasser resolveram “unir o útil ao agradável”, convidando JK a sancionar, simbolicamente, o dispositivo legal em uma grande festa popular. Oficialmente, a assinatura da Lei nº 3.834-C ocorreu dia 14 de dezembro, no gabinete do presidente. Mas ninguém abriu mão da festa, realizada quatro dias depois, em Goiânia. “Espalhamos carros de som na cidade, fizemos carros

alegóricos para desfilarem nesse dia e convidamos toda a sociedade goianiense para participar”, lembra Orlando de Castro, à época formando da então Escola de Engenharia do Brasil Central. Os jornais também colaboraram, estampando manchetes que anunciavam, muito mais do que a criação de uma universidade federal, a vinda de um líder carismático, sedutor, cheio de metáforas e atitudes impactantes. “Juscelino extravasava. Ouvi dizer que jogou seu discurso para a multidão. Seria até bom lançar esta pergunta: quem pegou e guardou esse discurso?”, frisa o professor aposentado.

“Ele era muito popular. As pessoas foram à Praça Cívica naquele dia para ver o Juscelino”, respondeu o fotógrafo Hélio de Oliveira, convidado pelo **Jornal UFG** a lembrar aquele momento e a analisar o resultado

do próprio trabalho: uma fotografia que revela rostos curiosos, corpos se apertando no alto do coreto, nos jardins, no parapeito da sacada do Palácio das Esmeraldas e, enfim, uma Praça Cívica pequena diante de anunciadas “20 mil pessoas” (conforme o jornal *Diário da Tarde* do dia 20 de dezembro).

Hélio de Oliveira não é dado a recordações e confessa não ter boas lembranças de manifestações populares (tendo na memória uma série de repressões que sofreu e viu sofrerem), mas completou que o fato de as pessoas serem, naquele momento da história, acostumadas a “sair às ruas”, também explica tamanha grandiosidade no evento de assinatura da Lei da UFG. Orlando de Castro concorda: “Uma viagem de um presidente a Goiânia era resultado de muita movimentação. Até hoje é”.

Hélio de Oliveira



População goiana em frente ao Palácio das Esmeraldas participa da cerimônia de criação da UFG, em 1960

JK, PSD e as estratégias de um jornal nacionalista

A multidão que passou pela Praça Cívica, no dia 18 de dezembro, um domingo, não era resultado apenas de euforia e sentimento de vitória pela criação da UFG. Havia uma intenção maior de transformar o ato simbólico em palanque político. JK sairia em 1960 da Presidência da República para se candidatar ao Senado Federal por Goiás. Daí a estratégia do Partido Social Democrático (PSD) de consolidar JK como uma personalidade cada vez mais goiana. E os jornais goianos também se interessaram pela causa. Do dia dez até o dia 18, várias notícias sobre a criação da UFG foram publicadas, todas associadas à vinda do presidente à capital. Com o auxílio do Arquivo do Estado e do professor Orlando de Castro, nossa reportagem encontrou referências à festa popular em três pu-

blicações: *Diário do Oeste*, *Diário da Tarde* e *O Popular*. O primeiro foi o que mais chamou a atenção de seus leitores para os eventos do dia 18 de dezembro.

Na edição dos dias 11 e 12 (um final de semana), uma manchete gritava na capa do *Diário do Oeste*: “JK, de helicóptero, na Praça Cívica, sábado”. Nos dias 16 e 17, os anúncios eram, respectivamente, “Carnaval para quando a Universidade for lei” e “Goiânia inventa carnaval em homenagem a Juscelino”. Na publicação do dia 18, um domingo (e não sábado, como o periódico havia anunciado), a estampa: “Presidente do Brasil será goianiense hoje”.

A programação de JK estava intensa: chegar por volta das 14h, sancionar a lei da UFG, seguir para um “encontro político” na casa do correligionário Altamiro Pacheco, receber os títulos

de Doutor *Honoris Causa*, na Faculdade de Direito, e de Cidadão Goianiense, na Câmara dos Vereadores, e, por último, ser paraninfo da primeira turma de formandas do curso de merendeiras, ministrado pelo Instituto de Educação de Goiás (IEG). “Costumo dizer que esse encadeamento de eventos foi uma coincidência que nos proporcionou uma festa com tanta pompa. Afinal, a Lei nº 3.834-C já havia sido assinada no dia 14 de dezembro”, reafirma o professor Orlando.

Coincidência ou não, o resultado dessa campanha pró-candidatura do presidente fica claro na manchete do mesmo *Diário do Oeste* do dia 20 de dezembro, momento pós-festa: “Povo ficou sabendo o que é apoteose”.

Chá de flor de maracujá – O mês de dezembro foi de muito nervo-

sismo para o professor Orlando de Castro, que, aos 81 anos, recorda sua juventude em detalhes. Ele havia passado os últimos anos bastante envolvido com as atividades da Frente Universitária Pró-Ensino Federal. Era um dos líderes de um grupo coeso de estudantes que, de 1950 até 1959, pensava, repensava e amadurecia a ideia de lutar politicamente para que cursos superiores existentes no estado fossem federalizados.

Portanto, naquela tarde de domingo, Orlando de Castro não se arriscou a sair de casa. “Emociono-me muito, então, procurei evitar”. Para ele, o “grande evento” começou na véspera, quando os estudantes se reuniram para enfeitar os automóveis que desfilariam pela cidade, em comboio. “Um carro para cada curso”, rememora. Em uma fotografia de Hélio de Oliveira, os

sinais do que narra o professor se evidenciam: uma faixa sobre um veículo ostentava o dizer “JK, Papai Noel de Goiás”. E Orlando acrescenta: “Tinha também um obelisco cujo topo levava o nome de todos os que contribuíram para que a UFG fosse realidade”.

Desde o sábado ele já havia se emocionado. Portanto, no domingo, preferiu evitar uma “síncopa”, conforme explica. “Fiquei em casa deitado, ouvindo pelo rádio e bebendo chá de folha de maracujá que minha mãe fez. Até hoje não sei se fiz bem ou mal”, comenta. A narração pelo rádio garantiu a Orlando o que para o resto da vida guardou na memória. E é o que lhe basta daquele glorioso dia.

Confira fotos e manchetes dos jornais da época em www.jornalufgonline.ufg.br